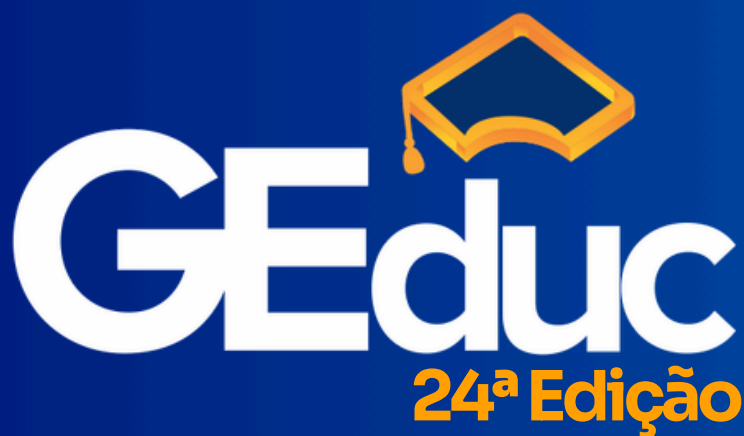


E-BOOK OFICIAL



Arquitetar Futuros:

EDUCAR, LIDERAR E TRANSFORMAR

**REFLEXÕES A PARTIR DOS
DEBATES QUE MARCARAM
O GEDUC 2026**

Realização:



Você está acessando o recorte dedicado à trilha **“Fórum da Saúde Mental e Bem-Estar”**, parte do e-book do GEduc 2026.

Este material reúne os principais pontos abordados nessa frente da programação, com reflexões, aprendizados e discussões que ajudam a aprofundar o olhar sobre o tema.

Para acompanhar a visão completa da edição, com os conteúdos das demais trilhas, fóruns e momentos que marcaram o congresso, acesse o e-book completo do GEduc 2026.

[CLIQUE AQUI E ACESSE](#)

Realização:



Reconhecido nacionalmente como o principal congresso de gestão educacional do Brasil, desde a sua 1ª edição, em 2003, o GEduc reúne os mais relevantes players da área para três dias de imersão que envolvem conteúdos de alto nível.

Ao longo de sua trajetória, o congresso se consolidou como um espaço de reflexão, atualização e conexão entre lideranças que atuam diretamente na construção dos rumos da educação brasileira. Em sua programação, são abordados temas estratégicos para escolas, instituições de ensino superior, mantenedores e gestores que buscam acompanhar as transformações do setor e tomar decisões cada vez mais alinhadas aos desafios contemporâneos.

Com palestrantes de renome, uma programação conectada às demandas reais e discussões voltadas aos desafios da gestão educacional, o GEduc se consolida como um encontro fundamental para gestores brasileiros que buscam atualização, visão estratégica e caminhos para fortalecer suas instituições.

Concomitante ao congresso, há uma Exposição com a participação de mais de 70 empresas que apresentam as últimas novidades em produtos e serviços educacionais.

Esse ambiente amplia a experiência dos participantes ao aproximar instituições de ensino de soluções, tecnologias e serviços que contribuem para a inovação, a eficiência da gestão e o fortalecimento das práticas educacionais.

O evento é promovido pela HUMUS, empresa que realiza capacitações para gestores de universidades e escolas, além de possuir soluções em consultoria e seleção de profissionais, serviços também exclusivos para o segmento educacional.

Com uma atuação dedicada ao desenvolvimento da gestão educacional, a HUMUS promove iniciativas que aproximam conhecimento, prática e especialistas do setor, contribuindo para a formação de líderes mais preparados para os desafios da educação.

Organizadoras



Beatriz Fernandes

Publicitária, atua na área de comunicação e eventos da Humus Educação, diagramadora deste e-book.



Sonia Simões Colombo

Head de Conteúdo do GEduc. CEO da Humus e Presidente do Instituto ELA Educadoras do Brasil



Thalita Chrispim

Conselheira consultiva da área de Inteligência de Mercado do GEduc. Sócia e Gerente de Operações e Relacionamentos da Humus Educação.

Educadores Autores



Aparecida do Carmo Frigeri Berhior

Consultora associada da HUMUS para Gestão Acadêmica. Doutora e mestre em Letras, com mais de 20 anos de experiência na gestão e docência no ensino superior. Atua na implementação de matrizes de referência de currículos e avaliação por competências; gestão e processos acadêmicos; capacitação de docentes.



Adriano Thomaz

Gerente Executivo na UniSoma, Especialista em advanced analytics e modelagem matemática, lidera equipes multidisciplinares no desenvolvimento de algoritmos e soluções inteligentes para o setor educacional. Matemático de formação, com Doutorado em Engenharia Elétrica pela Unicamp e Pós-doutorado no Canadá, combina rigor técnico com experiência executiva. Atuou em projetos de otimização no planejamento acadêmico integrado, de ofertas e alocação de recursos, de inteligência acadêmica e de gestão institucional. Curador do podcast DeepTalks sobre IA.

Educadores Autores



Carla Peron

Formada em Administração pela Faculdades Associadas de SP, especialização em Marketing pela ESPM e MBA pelo Insper, Carla Peron é gestora da Mercare! Educação. Com mais de 30 anos de experiência no segmento educacional, atua em projetos de gestão de marca, comunicação integrada, reposicionamento e presença digital, contribuindo para que escolas fortaleçam sua identidade, comuniquem melhor seus diferenciais e ampliem sua relevância em um mercado cada vez mais competitivo.

Daniel Jaca

Formado em esporte, percebeu rapidamente que a atividade física era um caminho para o desenvolvimento socioemocional. Incomodado com o mundo, foi lá e tentou ajudar a melhorá-lo.

Denise Sawaia Tofik

Profissional com mais de 40 anos de experiência no ensino superior, com atuação em gestão acadêmica, docência e consultoria educacional. Especialista em regulação, qualidade e desenvolvimento institucional, com trajetória em posições de liderança e forte contribuição para a excelência e inovação na educação superior.

Fernanda Loyola

Mãe da Maria e da Leticia, e ama falar sobre relações humanas e os processos da maternagem na sociedade contemporânea. Olhar atento para o cuidado socioemocional dentro e fora da Electi.

Flávia Fernanda Costa

Doutora e mestre em Educação, com formação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e pela UFRGS, possui MBA em Gestão Educacional pela PUCRS e graduação em Pedagogia. Atua como Coordenadora Administrativa e Pedagógica do Ensino Médio no Colégio Israelita Brasileiro e é voluntária no Instituto ELA Educadoras do Brasil. Ao longo de sua trajetória, foi Pró-Reitora de Graduação da UCS, onde criou o Centro de Inovação e Tecnologias Educacionais (CINTED), além de atuar em gestão acadêmica, docência no Ensino Superior e supervisão na Educação Básica. Foi avaliadora do MEC e possui certificação internacional Finlandesa - Innopeda Trainer, com atuação em iniciativas de inovação educacional e liderança feminina.

Educadores Autores



Hélder Pereira

Educador e especialista em inovação na aprendizagem, com mais de 20 anos de experiência no desenho e implementação de projetos educacionais. Sua atuação concentra-se em transformar o uso da tecnologia em experiências de aprendizagem com propósito e impacto real.



Imaculada Conceição Braga Campos

Mora em Belo Horizonte, Professora, Psicóloga, Pós graduada em Psicopedagogia Institucional, Especialista em Saúde Mental nas práticas Contemporâneas, Mestranda em Neuropsicologia. Possui sólida experiência na área da Educação e na Saúde Mental Clínica e Institucional. Atualmente trabalha com a Meta-Morfose Saúde Mental Preventiva para escolas e empresas, além de formação de equipes pedagógicas. Voluntária no Instituto ELA Educadoras do Brasil e na SWE (Society Women's Engineer's do Brasil).



Luciane Pereira

Enfermeira, mestre e doutora em Gestão e Saúde pela USP, com mais de 30 anos de atuação na Educação Superior. Iniciou sua trajetória como docente na USP e, desde então, ocupou posições estratégicas como coordenadora, diretora de pós-graduação, pró-reitora acadêmica, vice-reitora e reitora em grandes universidades. Com especializações em Gestão Hospitalar pela FGV e em Neurociência e Psicologia Positiva pela PUC, tem como foco a liderança de projetos acadêmicos inovadores, o desenvolvimento de equipes de alta performance voltadas à aprendizagem significativa, à sustentabilidade e à entrega de resultados. Atualmente, coordena projetos no processo de implantação da Faculdade BP.



Mirella Scorza

Formada em Comunicação pela FAAP, com pós-graduação em Marketing pela ESPM, MBA em Administração pela FIA/USP e extensões em Comunicação Corporativa pela FGV e Marketing Digital pelo Insper, Mirella Scorza é gestora da Mercare! Educação. Com mais de 30 anos de experiência, atua com foco em marketing estratégico, comunicação integrada, experiência do cliente, relacionamento e valorização de equipes, apoiando instituições de ensino na construção de posicionamentos mais claros, consistentes e sustentáveis.



Rui Fava

Com trajetória consolidada na gestão educacional, acadêmica e operacional, atua na construção de modelos e estratégias que conectam eficiência, qualidade e performance institucional. Sua experiência reúne planejamento estratégico, gestão de indicadores, desenvolvimento de equipes e implantação de projetos voltados à evolução das instituições de ensino. É doutor em Ciências da Educação, com formação também em Administração, Ciências Contábeis e MBA Executivo.

Educadores Autores



Sami Elia

Encontrou na escalada uma forma de viver suas paixões por esportes e pela natureza. Formado em administração, trabalhou como executivo no Citibank em diversas áreas, principalmente com planejamento estratégico. Guiado por sua paixão por iniciativas sociais, foi voluntário em diversos projetos sociais de educação que culminaram em uma transição de carreira para o segmento da educação socioemocional. Sócio Electi Educacional.



Futuros Educadores

Andressa Caroline Wendt da Cruz

Estudante do 7º Semestre do curso de Licenciatura em História na FMU



Francislene de Araujo Cordeiro Diogo

Estudante do 5º Semestre do curso de Licenciatura em História na FMU



Naxiane dos Santos da Silva

Estudante do 2º Semestre do curso de Pedagogia na FMU



Paloma Fregonesi Benedet

Estudante do 7º Semestre do curso de Pedagogia na FMU



Saúde Mental e Bem-Estar na Educação:

vínculos, cultura institucional e o futuro do cuidado

Aparecida do Carmo Frigeri Berhior e Flávia Fernanda Costa

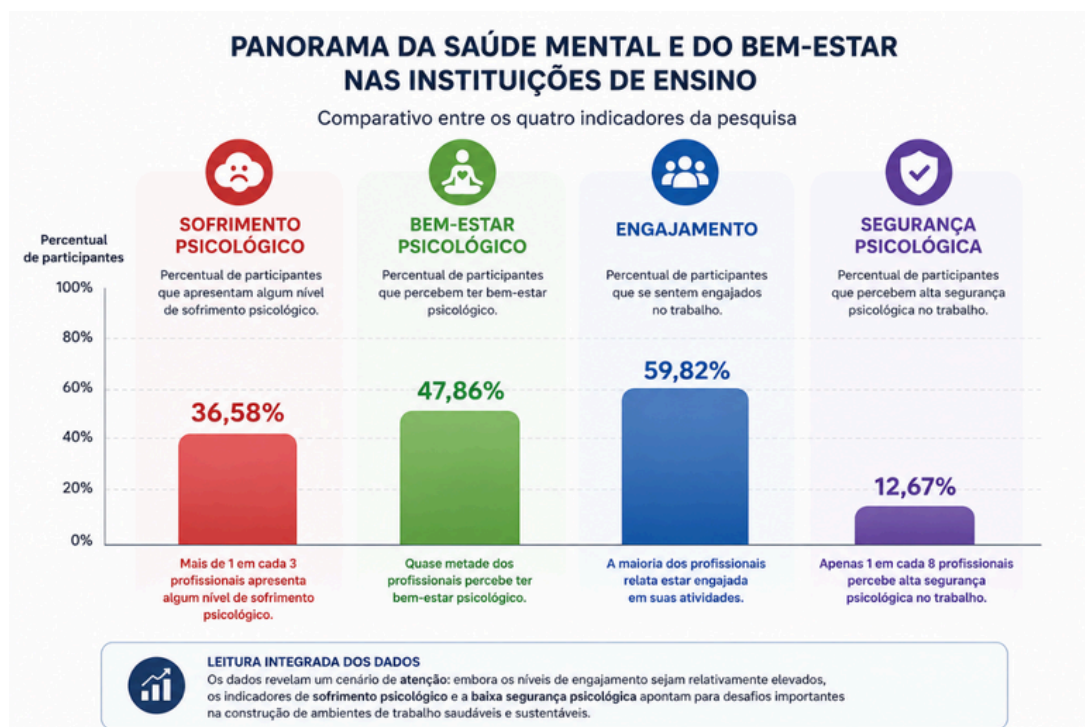
Apresentação

Em 2019, cerca de 1 bilhão de pessoas no mundo apresentavam algum tipo de transtorno mental, quadro que se agravou significativamente com a pandemia de Covid-19, segundo relatório da Organização Mundial da Saúde. No Brasil, o cenário é ainda mais alarmante: o país ocupa o primeiro lugar entre os mais ansiosos do mundo, a quinta posição em prevalência de depressão e o segundo lugar em casos de Síndrome de Burnout. Esses dados, por si só, configurariam um alerta de saúde pública. No contexto educacional, eles adquirem uma dimensão ainda mais urgente, pois afetam diretamente os profissionais responsáveis pela formação das novas gerações.

Foi nesse cenário que o Fórum de Saúde Mental e Bem-Estar do GEduc 2026, presidido por Sandra Regina Rezende Garcia, reuniu especialistas de diferentes áreas para discutir os desafios contemporâneos do cuidado emocional nas instituições educacionais. As discussões evidenciaram uma convergência significativa: saúde mental não pode ser compreendida como responsabilidade periférica, restrita a setores especializados ou ações pontuais. Trata-se de uma questão estrutural, que atravessa liderança, cultura organizacional, experiência estudantil e modelos institucionais de cuidado.

Os dados apresentados reforçam a dimensão desse desafio. A pesquisa Panorama da Saúde Mental e do Bem-Estar nas Instituições de Ensino Particulares Brasileiras, desenvolvida pelo Instituto Semesp, FENEP, Humus Consultoria e Happy Academy, com 1.285 participantes de todas as regiões do país, revelou que 36,58% dos profissionais da educação privada apresentaram algum nível de sofrimento psicológico. Ao mesmo tempo, embora os indicadores de engajamento se mostrassem relativamente elevados (59,82%), 57,65% dos participantes percebem baixa segurança psicológica no trabalho e apenas 12,67% consideram que há alta segurança psicológica em suas instituições.

"Os dados evidenciam a urgência de considerar a saúde mental como dimensão indispensável da estratégia organizacional."



Dados da pesquisa “Panorama da Saúde Mental e do Bem-Estar nas Instituições de Ensino Particulares Brasileiras”, desenvolvida pelo Instituto Semesp, FENEP, Humus Consultoria e Happy Academy,

A tensão entre engajamento elevado e segurança psicológica baixa talvez seja o dado mais revelador do fórum: profissionais comprometidos com sua função, mas que não se sentem seguros para errar, pedir ajuda ou discordar. Sobrecarga, hiperconectividade, culturas organizacionais tóxicas, fragilidade dos vínculos e ausência de pertencimento emergiram como elementos centrais para a compreensão desse quadro. As diferentes palestras e painéis convergiram para uma leitura sistêmica: instituições educacionais emocionalmente saudáveis não se constroem apenas por meio de suporte clínico, mas pela qualidade das relações, das culturas e das experiências que produzem cotidianamente.

Segurança psicológica e o adoecimento como fenômeno institucional

Uma das contribuições mais relevantes do fórum foi a reinterpretção do sofrimento psíquico como expressão das dinâmicas institucionais, e não apenas como fragilidade individual. As discussões conduzidas por Rodrigo Capelato e Viviane Minozzo evidenciaram que fatores como excesso de demandas, conflitos interpessoais, falta de autonomia, medo de exposição e ausência de clareza nas responsabilidades são elementos diretamente relacionados ao adoecimento emocional nos ambientes educacionais e que todos eles têm origem em escolhas organizacionais, não em características pessoais dos trabalhadores.



Nesse cenário, o conceito de segurança psicológica, definido por Amy Edmondson (1999) como "a crença compartilhada pelos membros de uma equipe de que aquele ambiente é um espaço seguro para a tomada de riscos interpessoais", ganhou centralidade no debate. Os dados apresentados revelaram uma tensão significativa: embora muitos profissionais permaneçam engajados em suas funções, isso não significa que se sintam seguros para dialogar abertamente, errar, pedir ajuda ou participar ativamente dos processos institucionais. Engajamento e segurança psicológica, portanto, não são sinônimos e confundir os dois pode levar gestores a subestimar riscos reais de adoecimento coletivo.

A pesquisa também identificou diferenças relevantes entre os níveis de ensino: no ensino regular, o índice de bem-estar psicológico foi de 31,13%, significativamente inferior ao registrado no ensino superior (49,06%), acendendo um sinal de alerta específico para a educação básica. Essa diferença sugere que as condições de trabalho, os modelos de gestão e os níveis de pressão não são homogêneos entre os segmentos e que as estratégias institucionais precisam considerar essas especificidades.

As reflexões do fórum apontaram que essa realidade exige um deslocamento importante no papel das lideranças. A atualização da NR 1, com a inclusão dos riscos psicossociais, reforça esse movimento no plano legal: gestores passam a ter responsabilidade formal sobre fatores como sobrecarga, assédio moral, falta de apoio da liderança e culturas organizacionais tóxicas. Mais do que administrar desempenho, líderes são convocados a construir ambientes capazes de sustentar confiança, escuta e pertencimento.

Wellness Centers: da resposta à crise à institucionalização do cuidado

As contribuições de Luciane Soutello e Daniela Degani aprofundaram o debate ao apresentar os Wellness Centers como tendência emergente na gestão da saúde emocional nas instituições educacionais. Mais do que espaços destinados ao atendimento psicológico pontual, os modelos discutidos propõem uma transformação mais ampla: a institucionalização do cuidado como dimensão permanente e estruturante da experiência educacional, com processos de diagnóstico, operação, gestão de recursos humanos e avaliação contínua.

"A implantação de estruturas como os Wellness Centers está diretamente associada à construção de ambientes seguros e humanizados."

O painel evidenciou que muitas instituições ainda operam de maneira predominantemente reativa, acionando estratégias de apoio apenas diante de crises já instaladas. Os Wellness Centers deslocam essa lógica para uma abordagem preventiva e integrada, articulando acolhimento, acompanhamento emocional, desenvolvimento humano, apoio pedagógico e fortalecimento dos vínculos institucionais em um mesmo ecossistema de cuidado.

As discussões também evidenciaram que o cuidado emocional não pode ser responsabilidade exclusiva de setores especializados: ele precisa atravessar coordenações, lideranças acadêmicas, práticas pedagógicas e relações de trabalho.

Nesse sentido, os Wellness Centers representam mais do que uma estrutura de atendimento, simbolizam a transição de modelos institucionais centrados apenas em desempenho para abordagens que reconhecem o bem-estar como condição estratégica para aprendizagem, permanência e desenvolvimento humano.

Hiperconectividade, vínculos e o papel mediador da escola

As reflexões apresentadas por Januária Cristina Alves deslocaram o debate para os impactos da cultura digital sobre o desenvolvimento humano e a saúde emocional. Seu ponto de partida foi a compreensão de que vivemos on life condição em que o digital deixou de ser um ambiente paralelo para se tornar constitutivo da experiência humana, especialmente para crianças e jovens. Essa transformação redefine a forma como as novas gerações constroem identidade, estabelecem vínculos, aprendem e se posicionam no mundo.

Nesse contexto, a palestrante propôs uma distinção fundamental, frequentemente ignorada nos debates sobre tecnologia na educação: estar conectado não é o mesmo que estar vinculado; interagir não implica participar; reproduzir conteúdos não equivale a expressar pensamento. O mundo digital em que as fronteiras entre o físico e o digital se dissolvem altera não apenas os meios de aprendizagem, mas os modos de atenção, de engajamento e de construção de sentido.

Experiências Digitais Superficiais	Experiências Educativas Profundas
Conexão	Vínculo
Interação	Participação
Reprodução	Expressão
Exclusão	Pertencimento
Dependência	Autonomia
Cinismo	Credibilidade

Tabela: dualidades entre experiências digitais superficiais e experiências educativas profundas



Essas dualidades funcionam como lentes analíticas para compreender os desafios contemporâneos da educação. A hiperconectividade produz impactos significativos sobre a autorregulação emocional, a tolerância à frustração e a capacidade de sustentar relações interpessoais. As queixas de ansiedade, dificuldade de concentração e sensação de vazio que chegam às escolas têm raízes parcialmente nesse ambiente e respostas puramente disciplinares ou reativas são insuficientes para tratá-las.

"Formar para a pergunta é formar para a liberdade em um mundo orientado por respostas automáticas."

A contribuição mais provocadora da palestra foi justamente essa: a escola deve assumir como missão inegociável a formação para a pergunta, e não apenas para a resposta. Em um mundo mediado por algoritmos que entregam certezas instantâneas, ensinar a questionar, a verificar fontes, a interpretar o que não está explícito torna-se um ato formativo essencial. A proposta do ECA Digital, apresentada como referência, ilustra esse caminho: em vez de proibir ou restringir, construir coletivamente, com escola, família e estudantes, uma cultura digital mais consciente. Proteger na internet, e não da internet.

Nesse cenário, a escola assume papel ainda mais estratégico como espaço de mediação humana. O pertencimento emerge como importante fator de proteção emocional e a pergunta que a palestrante deixou em aberto é a mais desafiadora para gestores: o que a escola oferece como alternativa ao ambiente digital? Não em termos de restrição, mas em termos de sentido, vínculo e experiência genuína.

Educação Positiva e florescimento humano: além da prevenção do sofrimento

As contribuições de Carlos Fernando Araújo ampliaram ainda mais a compreensão do bem-estar como dimensão estruturante da experiência educacional. Ao apresentar os fundamentos da Educação Positiva e do modelo PERMA-V, o palestrante deslocou o foco da lógica centrada exclusivamente na prevenção do sofrimento para a construção intencional de condições de florescimento humano, perspectiva que, ao longo do fórum, se revelou complementar e necessária às demais abordagens apresentadas.

O ponto de partida foi a distinção entre Psicologia Positiva e Educação Positiva. Fundamentada nos trabalhos de Martin Seligman, a Psicologia Positiva estuda o que faz pessoas e ambientes prosperarem. A Educação Positiva é seu ramo aplicado: une

as competências tradicionais às competências do bem-estar, criando ambientes que favorecem o engajamento com o currículo e o desenvolvimento integral dos aprendizes. Não se trata de substituir o currículo, mas de enriquecê-lo com dimensões humanas essenciais.

Um dos argumentos centrais da palestra foi o de que estudantes não permanecem nas instituições apenas pela qualidade técnica dos serviços oferecidos, mas pela qualidade das relações e das experiências que vivenciam ao longo de sua trajetória. O palestrante propôs um modelo integrado de sucesso do estudante, sustentado por três pilares interdependentes: engajamento (tempo, esforço e participação ativa), relacionamento (conexões significativas com colegas, professores e equipes) e experiência (a vivência plena e positiva em toda a jornada institucional).

"O relacionamento não é um evento, é uma trajetória. Cada ponto de contato é uma oportunidade de fortalecer ou fragilizar o vínculo do aluno com a instituição."

O modelo PERMA-V, que integra Emoções Positivas, Engajamento, Relacionamentos, Significado, Realização e Vitalidade foi apresentado como referência estruturante para a formação de tutores, professores e colaboradores. Cada pilar traduz uma competência cultivável no cotidiano institucional, não como conteúdo adicional, mas como cultura transversal. Um case prático de quatro anos de implementação em uma instituição de educação superior demonstrou resultados concretos: melhoria de 10 pontos percentuais no NPS institucional, redução da evasão e melhora perceptível no senso de pertencimento dos estudantes desde o primeiro ano.





A principal diferenciação conceitual proposta pelo palestrante merece atenção especial: a distinção entre reter e florescer. Uma instituição que gerencia a evasão não é a mesma que cultiva o pertencimento. Uma que mede aprovação não é a mesma que desenvolve autoeficácia. Uma que oferta conteúdo não é a mesma que propõe experiência. Essa diferença não é semântica, é estratégica.

Saúde Mental e Bem-Estar como Pauta para Gestão Educacional

As diferentes perspectivas apresentadas ao longo do fórum convergiram em torno de uma ideia central: saúde mental deixou de ser pauta acessória para se tornar questão estratégica da gestão educacional contemporânea. Os debates sobre segurança psicológica, Wellness Centers, pertencimento, cultura digital e Educação Positiva apontaram, cada um a seu modo, para uma compreensão ampliada do cuidado na qual saúde mental não se restringe ao suporte clínico, mas envolve qualidade das relações, experiências significativas, escuta institucional e sustentação emocional das comunidades educativas.

A principal tendência evidenciada foi a transição de abordagens reativas para modelos institucionais preventivos e integrados. Embora os temas abordados tenham partido de perspectivas distintas, pesquisa institucional, gestão emocional, cultura digital e Educação Positiva, todos os debates evidenciaram que pertencimento, vínculos e segurança relacional constituem fatores centrais para aprendizagem, permanência e desenvolvimento humano. A educação digital como competência essencial não limitada ao uso de ferramentas, mas ampliada para dimensões éticas, críticas e socioemocionais emergiu como outra tendência de forte convergência.

O fórum também trouxe alertas importantes. O primeiro diz respeito ao risco da chamada "saúde mental performática": instituições que multiplicam campanhas, discursos e ações simbólicas de cuidado, mas mantêm culturas organizacionais marcadas por excesso de demandas, insegurança psicológica e ausência de escuta efetiva. Iniciativas pontuais, quando dissociadas de mudanças estruturais na cultura institucional, produzem baixo impacto e podem ampliar a percepção de contradição entre discurso e prática. O mesmo risco se aplica ao engajamento: tratá-lo como campanha, e não como cultura, é a armadilha mais comum das instituições que buscam resultados rápidos sem transformações reais.

"Saúde mental performática: quando o discurso do cuidado não alcança a cultura organizacional"



O segundo alerta refere-se aos impactos da hiperconectividade sobre as relações humanas. A aceleração digital e o empobrecimento das experiências relacionais profundas representam desafios importantes para a formação emocional das novas gerações. A escola é cada vez mais convocada a preencher lacunas que o ambiente digital não consegue suprir e ignorar esse papel pode comprometer não apenas a aprendizagem, mas o desenvolvimento emocional dos estudantes.

A principal implicação prática das reflexões do fórum talvez seja justamente a necessidade de abandonar abordagens fragmentadas e assumir uma leitura sistêmica do cotidiano institucional. Sofrimento psíquico, pertencimento, engajamento, segurança psicológica, cultura digital e experiência estudantil não são fenômenos isolados são dimensões interdependentes de um mesmo ecossistema relacional. Pensar saúde mental implica revisar não apenas programas de apoio emocional, mas também fluxos de trabalho, formas de liderança, comunicação institucional, processos de avaliação e expectativas de desempenho.

Do ponto de vista da gestão institucional, quatro movimentos concretos emergem do fórum. O primeiro é mapear os pontos de atrito na jornada de estudantes e profissionais: identificar onde e quando ocorrem estresse, desorientação ou desconexão é o ponto de partida para redesenhar processos, percursos formativos e experiências de acolhimento. O segundo é estruturar programas de formação de lideranças, tutores e equipes com base em competências relacionais e socioemocionais capacidades que não são inatas, mas podem e devem ser desenvolvidas sistematicamente. O terceiro é integrar indicadores de bem-estar, pertencimento e segurança psicológica aos sistemas de monitoramento institucional, ao lado dos tradicionais indicadores acadêmicos e financeiros. O quarto é construir protocolos de uso responsável das tecnologias com participação da comunidade escolar - normas construídas coletivamente tendem a gerar comprometimento; normas impostas verticalmente tendem a gerar resistência.

Estruturas de cuidado emocional, como os Wellness Centers, produzem pouco impacto quando funcionam apenas como setores de encaminhamento. O cuidado precisa estar integrado à cultura institucional como um todo, atravessando coordenações, práticas pedagógicas e relações de trabalho. A coerência entre discurso institucional e experiência cotidiana emerge como elemento decisivo: não há pertencimento sustentável em ambientes marcados por insegurança relacional, excesso de pressão ou ausência de legitimidade humana.

Por fim, indicadores tradicionalmente utilizados pelas instituições, desempenho acadêmico, retenção, produtividade ou resultados financeiros, revelam-se insuficientes quando analisados isoladamente. A distinção proposta entre reter e florescer sintetiza bem esse deslocamento: uma instituição que apenas retém seus estudantes e profissionais é muito diferente de uma instituição que cultiva seu pertencimento, desenvolve sua autoeficácia e promove seu florescimento.

O Cuidado Como Estratégia: Um Convite às Lideranças Educacionais

Mafalda, personagem de Quino, perguntava por que havia tanto para interpretar e tão pouco disposto a fazê-lo. A provocação, resgatada por Januária Cristina Alves, ilumina uma contradição que a hiperconectividade aprofundou: nunca se teve acesso a tanto conteúdo e, ao mesmo tempo, tanta dificuldade de lê-lo criticamente, de sustentá-lo relacionalmente, de transformá-lo em experiência humana significativa. Esse paradoxo é também o desafio central da educação contemporânea.

O que está em jogo, como evidenciaram as discussões do fórum, é a capacidade das instituições educacionais de construir culturas em que pessoas possam aprender sem adoecer, trabalhar sem se desumanizar e desenvolver-se sem precisar renunciar a sua própria integridade emocional. Saúde mental não se resume à ausência de adoecimento, assim como bem-estar não pode ser reduzido a conforto emocional ou ações pontuais de acolhimento.

O GEduc 2026 propôs, nesse sentido, um convite concreto às lideranças educacionais: repensar a escola e a universidade como ecossistemas humanos, nos quais aprendizagem, saúde mental, cultura institucional e desenvolvimento humano não operem de forma separada. Cuidar das relações deixa de ser um gesto complementar e passa a constituir estratégia institucional. As instituições que compreenderem isso primeiro terão não apenas vantagem competitiva, terão, mais importante, vantagem humana.





Um quarto de século desenhando o futuro da educação.

O GEduc 2026 foi uma edição marcada por dias intensos de troca, reflexão e conexão entre lideranças comprometidas com o futuro da educação. Cada debate, encontro e experiência reafirmou a força de um congresso que acompanha, há mais de duas décadas, as transformações da gestão educacional no Brasil.

Com o encerramento deste ciclo, abrimos caminho para um marco histórico: em 2027, o GEduc completa 25 anos.

Será o Jubileu de Prata do principal congresso de gestão educacional do país, uma edição comemorativa que celebrará a trajetória construída até aqui e apontará para os próximos caminhos da educação.

Estamos preparando uma experiência especial, em que tradição, inovação, liderança e futuro se encontram para marcar a história do GEduc e de todos que fazem parte dela.

Prepare-se para viver uma edição histórica.

Garanta sua participação no GEduc 25 anos com
25% de desconto utilizando o cupom **"EBOOK25"**

[**CLIQUE AQUI E INSCREVA-SE**](#)